

ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE



ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Realização



Organização



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

 **UFU** Universidade
Federal de
Uberlândia



UFPEL



UFRRJ UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO


CEFET/RJ

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972

Presidente de Honra (in memoriam) – Walter Zanini

Diretoria (2020-2022)

Presidente – Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

Vice-presidente – Neiva Bohns (UFPEL)

Secretária – Rogéria de Ipanema (UFRJ)

Tesoureiro – Arthur Valle (UFRRJ)

Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

41º Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios

Comissão Organizadora

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

Comitê Científico

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brites (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

Imagem da capa

Lydio Bandeira de Mello (1929 -), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

Diagramação

Vasto Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios

– Evento online - 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.41>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte

CDD: 709.81

Irmã Corita, arte, ativismo e fé como instrumentos

Paulo Silveira, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<http://orcid.org/0000-0001-7891-0619>
paulo.silveira@ufrgs.br

Resumo

Reavaliada em anos recentes, a norte-americana Frances Elizabeth Kent (1918-1986), freira rebatizada como Mary Corita e chamada de Sister Corita (Irmã Corita), da Ordem das Irmãs do Imaculado Coração de Maria (Immaculate Heart of Mary), Los Angeles, surpreende como artista, ativista, educadora com causa e promotora da justiça social, do amor, da paz e da espiritualidade. Corita Kent se fixa na arte pop internacional como uma de suas representantes mais atuantes. Sua produção artística, especialmente em serigrafia, comprometida durante anos com os direitos civis, a tolerância e a fé católica, e os obstáculos que surgiram, são os objetos circunstanciados deste artigo.

Palavras-chave: Corita Kent. Sister Corita. Irmã Corita. Ativismo. Pop Art.

Abstract

Reassessed in recent years, the North American Frances Elizabeth Kent (1918-1986), a nun renamed Mary Corita and called Sister Corita, of the order of the Sisters of the Immaculate Heart of Mary, Los Angeles, surprises as an artist, activist, educator with a cause and promoter of social justice, love, peace and spirituality. Corita Kent is fixated on international pop art scene as one of its most active representatives. Her artistic production, especially in serigraphy, committed for years to civil rights, tolerance and the Catholic faith, and the obstacles that arose, are the objects of this article.

Keywords: Corita Kent. Sister Corita. Activism. Pop Art. Contemporary art.

A produção artística de uma freira norte-americana, Irmã Corita, voltou a receber atenção crescente, embora paulatina, após período do que poderíamos identificar como de certo escamoteio crítico. Talvez os filtros do círculo cultural, que determinam padrões de validação, não tenham ainda a pressa de acolhimento que julgamos necessária. Ser mulher e ativista em tempo e espaços notáveis de participação em reivindicações sociais parece não ter sido suficiente, pelo menos em certo momento, para suplantar as forças ou desatenções que a deixaram de lado, talvez por, entre outros fatores, possuir uma bagagem não exatamente aplaudida pela chamada alta cultura do final do século XX: ter como causas a fé em Cristo e em Maria. Para uma artista, essas credenciais possivelmente não ajudariam a abrir portas na historiografia das belas-artes.

O ativismo prevê e aceita bem, filosófica e instrumentalmente, a propaganda a serviço de doutrinas e causas ideológicas, políticas, estudantis, trabalhistas, partidárias, antibelicistas, antirracistas, ecológicas etc. Porém, a divulgação de uma ideia, crença ou religião pode ser tão mais problemática quanto mais se aproxima do terceiro termo, a religião, possível motivo de dificuldade da empatia. A pergunta já foi respondida e a resposta é sim, arte e ativismo são compatíveis com a razão católica. Mas dizer que a causa é “católica” pode ser mais excludente do que ser “cristã”, já que esta segunda abstração foi melhor acolhida ou consumida pela contracultura (no século XXI muito menos, uma reação ao atrevimento político e anti-intelectual de parte dos movimentos evangelizadores). Embora celebrada internacionalmente, foi reencontrada no século XXI. Reestudada para além da mera curiosidade, entre outros motivos também graças aos esforços de ampliação da tolerância em geral e da identificação das práticas socialmente engajadas, Kent se fixa no panteão da arte *pop* internacional como uma de suas representantes mais programáticas e ativas. Entretanto, não é raro que tarde a ser conhecida por pessoas interessadas na história da arte contemporânea. Apesar de atualmente haver muita informação disponível sobre ela na rede, pesquisas reconheceram que essa “artista mulher do século XX tem sido relativamente negligenciada”, como reconhecido no resumo da tese de Barbara Loste (2000), que retoma essa situação mais adiante, alertando que reconhece que a “arte produzida por freiras corre o risco de ser negligenciada, perdida ou simplesmente esquecida” (p. 49, citando Dan Paulos¹).

Além disso, muitos artistas e críticos de arte rejeitaram, não gostaram ou simplesmente negligenciaram sua arte completamente. Suas serigrafias ou eram muito devocionais e “melosas” para alguns gostos (Hughes, 1993)² ou simplesmente permaneceram desconhecidas. (LOSTE, 2000, p. 121).

¹ Refere-se à pesquisa do escritor e artista Daniel Thomas Paulos, *Behold the women*. Albuquerque, NM: Saint Bernadette Institute of Sacred Art, 1998.

² A versão consultada da tese não apresenta esse autor e obra nas referências.

As dúvidas de pesquisa parecem ter persistido:

O que há sobre Corita e sua época que as torna memoráveis e relevantes hoje? Por que seu trabalho foi relativamente esquecido pelos historiadores da arte e pelo cânone hierárquico católico? As realizações de Corita ainda são oportunas [...]? Quem era Corita, independentemente do hábito, carisma e notoriedade?” (LOSTE, 2000, p. 176).

Frances Elizabeth Kent (1918-1986), mais tarde a freira³ rebatizada como Sister Mary Corita (Irmã Mary Corita) ou simplesmente Sister Corita, além do hoje usual Corita Kent, surpreende como artista, educadora, líder em seu grupo, ativista e promotora da paz, da justiça social e do amor à espiritualidade, extremamente carismática em seu círculo. Nasceu em Iowa, estado da região Centro-Oeste dos Estados Unidos, também chamado de Meio-Oeste norte-americano, uma mulher branca de pais com origem irlandesa e holandesa. Quando tinha um ano e meio a família mudou para Vancouver, no Canadá, e aos cinco anos para Los Angeles. Lá permaneceria até 1980, contribuindo para a particular relevância artística e cultural da Costa Oeste.

Em 1936, Kent entrou na ordem das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, IHM (Immaculate Heart of Mary), assumindo o novo nome de Mary Corita. Recebeu formação no Otis College of Art and Design e no Chouinard Art Institute (futuro California Institute of Arts), porém obtendo bacharelado em artes no Immaculate Heart College, IHC, em 1941, e mestrado em história da arte na University of Southern California, em 1951. Durante o mestrado, teria se aproximado da serigrafia graças a esforços próprios e a aulas iniciais de María de Sodi Romero (ou María Sodi de Ramos Martínez, viúva de Alfredo Ramos Martínez, considerado “pai do modernismo mexicano”). Como professora de artes do IHC e como artista, Kent ganharia destaque crescente nos anos seguintes.

Sisters of the Immaculate Heart of Mary foi um instituto religioso católico de ensino para mulheres. Sua origem é catalã, de meados do século XIX, separando-se da congregação espanhola em 1924. Em Los Angeles, destacaram-se sua faculdade, Immaculate Heart College (1916-1981), e escola, Immaculate Heart High School and Middle School (fundada em 1906; independente a partir de 1970), orgulhosa de sua história: “Algumas mulheres do Imaculado Coração foram pioneiras em profissões não acostumadas a ter mulheres”, como informa sua divulgação⁴. Nos anos 1950 o Immaculate Heart College passaria ser “simultaneamente celebrado e criticado pelo seu ambiente educativo progressista”⁵, sobretudo sob a presidência da

³ A palavra freira é o feminino de frei e sinônimo de irmã. Pertence a uma ordem religiosa ou congregação, atendendo sua missão ou carisma (dom divino concedido à religiosa para o bem da comunidade), e professando votos de pobreza, obediência e castidade. Ver:

<https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/qual-a-diferenca-entre-freira-irma-e-madre/>.

⁴ Ver: <https://www.immaculateheart.org/about-ih/history>.

⁵ Um eco dessa pujança pode ser avaliado pelo lançamento, em janeiro de 2021, no Sundance Film Festival, do documentário *Rebel Hearts*, proposição e coprodução de Shawnee Isaac-Smith e direção de Pedro Kos, com duração de 99

madre-geral Anita Caspary, ou Irmã Mary Humiliata (1915-2011), mestre e doutora em Inglês e ativista dos direitos das mulheres. Um de seus maiores destaques foi o seu departamento de arte, especialmente nos anos 1960, que tornar-se-ia legendário, especialmente sob as coordenações sucessivas das Irmãs Magdalen Mary (Margaret “Maggie” Martin, ou simplesmente Sister Mag) e Corita. As palestras organizadas traziam convidados notáveis, como Buckminster Fuller, Leonard Stein, John Cage, Alfred Hitchcock, Saul Bass, Herbert Bayer, Jean Renoir, entre outros, alguns acusados de “comunistas” por críticos conservadores (AULT, 2007, p. 122, nota 4). Certamente souberam usar o benefício de a instituição estar localizada em Los Angeles.

No decorrer dos anos 1950, como professora do IHC, a efetividade dos métodos de ensino de Kent, associados à intensidade de seu envolvimento com as alunas e colegas, ao seu altruísmo e às práticas sociais, tornaria suas classes e atividades muito procuradas. Como artista, sua produção, especialmente em serigrafia, tem forte propulsão. Sua obra está em muitas coleções e sua atividade é muito bem documentada (inclusive por filmes e vídeos). Seus primeiros trabalhos com divulgação têm inspiração diretamente religiosa, com figurações que guardam influências expressionistas, com componentes que podem ter origem na ilustração gráfica, sobretudo o uso da cor. No avançar dos anos 1950, a presença do texto, primeiro com uma formatação algo decorativa, passa a ser intensificada, passando rapidamente a experimentar a palavra como elemento imagético primordial.

Os anos 1960 emolduram uma verdadeira explosão. A força que atinge com a serigrafia é notável, inserida com decisão nos princípios da estética da visualidade sessentista. Hoje, graças a releituras, percebe-se que sua linguagem contribuiu diretamente para a maioria da arte *pop*, usando-a como instrumento e, em retorno, a ela agregando um singular vigor ético. Seus trabalhos, virtualmente todos, assumem compromisso direto com os direitos civis, com os protestos antibélicos (especialmente a guerra do Vietnã), contra a fome e a pobreza, contra o racismo e os preconceitos, a favor da paz e da justiça social, em construções ou elocuições associadas à contracultura, apoiados em suas intensas convicções – pregação do amor, da tolerância e da fé católica –, que exaltava vivamente. Era ativista resoluta. Pelo seu programa, os trabalhos precisariam ser acessíveis no custo e na mensagem, democráticos e funcionais em suas tarefas comunicacionais. Sobre sua circunstância ou condição face à conjuntura que a cercava, quando perguntada, respondia que a diferença básica entre uma freira e qualquer mulher era apenas a profissão.

Apesar dos avanços sugeridos pelo Concílio Vaticano II, entre 1962 e 1965, buscando modernizar a igreja, o que estimulava as irmãs, os obstáculos ressurgiram mais fortes, a ela e a suas colegas. A Ordem e sua faculdade eram

minutos. Os trabalhos de produção teriam durado cerca de 20 anos, incluindo a obtenção de mais de 50 entrevistas com ou sobre as freiras, “mulheres subversivas e arrasadoras”, para uns, ou “mulheres arrogantes que não devem ser toleradas”, para outros.

consideradas liberais e contestadas pela Arquidiocese de Los Angeles. O arcebispo, cardeal James Francis McIntyre (1886-1979), prelado notável e controverso, sobretudo por suas posturas francamente conservadoras e direitistas, não apoiava integralmente os movimentos de direitos civis e acusava a faculdade de ser comunista e blasfema. Especula-se que o número de títulos acadêmicos das docentes no IHC seria, naquele momento, maior do que a soma de todos os títulos de padres do Condado de Los Angeles. Seriam, portanto, aos olhos do clero local uma ameaça.

A luta do IHC e sua mantenedora por mais independência e abertura foi notável. As irmãs eram efetivamente vigorosas em suas atitudes e transparentes em suas proposições. Questões de ciência política, por exemplo, compareciam às aulas. Em celebrações como o Dia de Maria (*Mary's Day*, festa da Imaculada Conceição, 8 de dezembro), por décadas sem alteração, em 1964 toda a coreografia mudou para algo próximo de um *happening*, envolvendo mais de 1.600 participantes (KENT; STEWARD, 2008, p. 186): as pessoas marchavam, cantavam e dançavam cirandas ao ar livre com as irmãs, “como hippies”, algumas com guirlandas de flores na cabeça, sob o tema da fome mundial, usando referências e imaginário de supermercado, lado a lado com enunciados “de Kennedy, King, Gandhi, Papa João XXIII e outros”.

As irmãs – cada vez mais consideradas rebeldes – participavam, e às vezes organizavam, atividades e movimentos pela paz ou de protesto. Há registro em fotografia e vídeo de participação de freiras em marchas pelos direitos humanos, inclusive as de Selma, em 1965. Os testes para modernização das vestes, incluindo uso de peças seculares adequadas às novas ambições profissionais, impacientavam os avessos ao progressismo. E especificamente o dinamismo de Corita, então a mais famosa freira dos Estados Unidos, por estar dentro do campo religioso e receber atenção da imprensa, era insuportável para o conservadorismo. Até mesmo os cartões de Natal confeccionados por Kent exasperavam o cardeal McIntyre. Em 1967, uma assembleia geral das irmãs do IHC decidiu, pelo voto, prosseguir na luta por maior arbítrio em suas decisões. O arcebispo tentou, com maior pressão, impedir as irmãs de lecionarem na arquidiocese, por conta do que considerava “tendências esquerdistas” e abandono de algumas rotinas da disciplina tradicional. Foi dado um ultimato a elas, com anuência da Santa Sé. A censura final levou a maioria das irmãs a optar pela dispensa dos votos; de 380 freiras, cerca de 65 submeteram-se à Igreja, reposicionando-se em conventos tradicionais; as demais 315 seguiram sua líder, a irmã Anita Caspary, e formaram uma organização não católica alternativa⁶; Corita logo se afastaria em definitivo. Em 1970 seria estabelecida a Immaculate Heart Community, leiga, hoje “uma comunidade cristã ecumênica sem muros, comprometida com [...] fé, esperança, ação”, “pela paz e

⁶ “The Immaculate Heart Rebels”, revista *Time*, 16/02/1970, em matéria recuperada a partir de <https://web.archive.org/web/20071001001430/http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,904171,00.html>. Acesso em: 30/12/2021.

justiça para todas as pessoas, com foco nas artes, mulheres, imigração e meio ambiente”⁷.

Em reflexões publicadas em 1968, “Art and beauty in the life of the sister” (“Arte e beleza na vida da irmã”), Kent, ainda vinculada ao IMH, reiterava seus pensamentos, que incluíam a arte e as circunstâncias que a emolduram, em esforço de aproximação à concepção teórica de si mesma:

Este é um tempo de questionamentos para o homem, um tempo em que temos sido forçados a perceber novamente a singularidade das pessoas e coisas à medida que se contorcem para fora das categorias e definições. Talvez algumas intuições sobre o processo da arte sejam esclarecedoras para esta época. [...] a experiência estética permite que todas as nossas faculdades humanas sejam absorvidas no ambiente do presente [...]. A singularidade nos confunde porque não existem regras para guias. [...] Em certo sentido, essa confusão é um deleite porque nos coloca em contato com aquele aspecto da realidade que é descrito como singularidade – o fato de que nada acontece duas vezes da mesma maneira em todos os aspectos. (KENT; COX; EISENSTEIN, 1968, p. 7).

Ciente de sua circunstância religiosa, prossegue:

Hoje o homem está impaciente em muitos campos – na teologia, bem como nas outras ciências – com demasiadas definições que compartimentalizam antes mesmo que ele saiba o que há para ser colocado em compartimentos. [...] Ele deve então dar um salto criativo que imagine ou reconheça a possibilidade de coisas que não aconteceram antes, e então prosseguir para torná-las realidade no campo do fazer ou do compreender. O artista-cientista ou o artista-criador-de-imagens se exercita no salto. Arte significa ir a um endereço em que ninguém nunca esteve antes. O artista deve possuir um tipo de resistência, uma disposição para correr riscos, para estar sempre incerto [...]. Frederico Fellini [...] afirma que a incerteza é um atributo fundamental para quem pretende progredir. E John Cage [...] fala sobre o erro como a falha em ajustar o preconceito à realidade. (KENT; COX; EISENSTEIN, 1968, p. 7).

Kent entende que para o artista, mesmo em constante convivência com a incerteza, será mais fácil progredir, com menos erros, do que quem negligencia a intuição. Para ela, seria do “fazer tudo novo a cada vez” a possibilidade de dar o “salto mágico”. Não haveria regras “sobre como saltar para o novo”. Porém, como educadora, reconhece ou propõe princípios básicos “sobre o salto”, a partir de observações. Propõe como seis os fundamentos sobre o saltar: (1) “o artista está

⁷ Para histórico atualizado e outras informações sobre a Immaculate Heart Community, em Los Angeles, ver <https://www.immaculateheartcommunity.org/>. Ver também o site do Corita Art Center em: <https://www.corita.org/>.

sempre rodeado de pessoas e coisas específicas”; (2) “o artista percebe de vez em quando coisas novas – invenções, descobertas, atitudes etc. – e então ele é forçado a reorganizar suas visões (ajustar do preconceito à realidade)”; (3) os rearranjos são suas obras; (4) os rearranjos estão sujeitos ao mesmo processo, a reorganizações e novas produções; (5) “outras pessoas além do artista percebem os rearranjos”, os nomeiam, são registrados e formam “uma história de estilos” substituídos por novos; e (6), “outras pessoas não percebem novas invenções, mudanças de atitude etc.” e introduzem as contingências não artísticas.

Elas não estão envolvidas em reorganizar as coisas e, portanto, não são muito simpáticas com o processo ou os resultados dos rearranjos. Gostariam que as coisas continuassem como estavam. Ficam nervosas com a mudança. (Este fundamento da arte pode ser chamado de presença de não arte, que também é um fator para o artista reconsiderar em seu rearranjo.) (KENT; COX; EISENSTEIN, 1968, p. 8).

Em 1968, Corita estava afastada da chefia do departamento de arte do IHC, em ano sabático, acolhida por sua amiga Celia Hubbard, em Massachusetts, no extremo oposto de seu país. Com a atuação crescente nas causas sociais, especialmente contra a Guerra do Vietnã, com insônia, exausta, no meio da convulsão social que a cercava (como os assassinatos de Martin Luther King Jr. e John Kennedy) e da mudança pessoal já renunciada, em agosto renunciou formalmente do cargo de professora e à sua ordem religiosa. Em setembro mudou-se para Boston. Recusou-se, em entrevistas, em detalhar sua decisão. Sofria com a desaprovação e os bloqueios da arquidiocese, com sua pressão direta e infame e a aquiescência da Igreja. Era identificada como rebelde, mas não era uma extremista e pode ter sofrido além do para ela tolerável com a tensão com a Igreja e as acusações habitualmente reducionistas das vilanias de patrulhamentos. Após o afastamento, seu trabalho não abandonaria o senso de “urgência moral” (LOSTE, p. 181). Práticas mais suaves retornaram, como a execução de aquarelas ao ar livre. Aos amigos Corita confidenciava seu sofrimento, que “às vezes se sentia maltratada, incompreendida e usada”, que “ficava enojada, deprimida e atormentada por insônia” e por problemas de saúde (p. 186). Mulher, anticonformista, freira católica e ex-freira católica, uma combinação penosa.

Kent criou entre 700 (DACKERMAN, 2015, p. 15) e mais de 800 serigrafias (outras fontes). Como artista, mulher e personalidade singular, obteve atenção e foi aplaudida, inclusive por veículos populares. Em dezembro de 1966 o jornal *Los Angeles Times* a apontou como uma das nove mulheres do ano.⁸ Naquele momento, o jornal informa, Mary Corita já teria serigrafias no Metropolitan Museum, Museum of Modern Art, County Museum of Art e Library of Congress,

⁸ Edição de 13/12/1966, p. 69. A promoção Los Angeles Times Women of the Year Silver Cup foi realizada de 1950 a 1977, quando foi considerada superada.

Estados Unidos, e na Bibliothèque Nationale, em Paris, e participado de 150 exposições. Em 1967, foi capa da revista *Newsweek*, ilustrando a matéria “The nun: going modern”, e a *Harper’s Bazaar* a incluiu na lista “100 American Women of Accomplishment”, de americanas com grandes realizações⁹.

As gravuras de Kent recorrem frequentemente a construções que integrem ou tensionem, com convicção e veemência, elementos que compõem o programa estético e discursivo envolvido: afirmação da cor como princípio instintivo de eloquência; intensidade das áreas impressas e objetividade dos espaços com ou sem impressão (quando cabível); aparente simplicidade nas decisões de preparação de matrizes; espetacularidade (jamais espetaculosidade) da peça, não importando a dimensão; e comunicabilidade. A emulação de texturas, marca das primeiras serigrafias, passa a ser rara no corpus majoritário de trabalhos, ressurgindo quando uma imagem apropriada da mídia permite ou exige. A dimensão comunicacional é praticamente sem reservas. Não há acanhamento nos enunciados. As cópias não são numeradas, pois servem a causas e não à vaidade ou ao comércio; eventualmente podem receber assinatura.

As palavras e fragmentos textuais, ocasionalmente longos, são notáveis pelas suas origens. Um rápido exame aponta presenças religiosas e laicas: fragmento de oração navajo, saudações hindus, excertos de orações cristãs, salmos e versículos de João, Mateus, Marcos; fragmentos de poemas de Walt Whitman, E. E. Cummings, Juan Ramón Jiménez, Berthold Brecht; trechos de discursos de Martin Luther King Jr, Jawaharlal Nehru, Lyndon B. Johnson; versos de John Lennon e Paul McCartney; excertos de James Joyce, Friedrich Nietzsche, D. H. Lawrence, Henry David Thoreau, Antoine de Saint-Exupéry, Lewis Carroll; bordões da Chevrolet, Pepsi-Cola, General Mills; detalhes de revistas como *Newsweek* e *Life*.

Entre os muitos trabalhos com recursos comerciais de supermercados que costumam ser citados por pesquisadores, há soluções extremamente singulares. Em *That they may have life* (“Para que tenham vida”), 1964, o título é uma referência a uma fala de Jesus em *João 10:10*, “O ladrão vem apenas para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham plenamente”¹⁰. Na parte inferior, dois textos: “É ruim não saber o que fazer quando tem cinco crianças em volta de você chorando por algo para comer, e você não sabe onde conseguir, e não sabe com que meios começar a conseguir. [...] Esposa de mineiro de Kentucky” e “Há tantas pessoas famintas que Deus não pode aparecer para elas exceto na forma de pão. Gandhi”. Um letreiro em maiúsculas vermelhas atravessa a gravura: “Enriched bread”, pão enriquecido. O fundo, com formas azul, vermelho e branco, tem como referência a embalagem do pão Wonder Bread. Círculos brancos, áreas não impressas, fazem as vezes de hóstias.

⁹ Certamente passível de críticas como referência, por ser pouco relevante para o campo artístico, é forçoso reconhecer que o significado mundano embutido na escolha de uma revista popular deve ser considerado.

¹⁰ Ou “O ladrão não vem senão para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”, entre outras versões.

Ainda mais lembrado é *The juiciest tomato of all*, também de 1964. Sua superfície é dominada pela palavra *tomato*, tomate, dividida em duas partes em maiúsculas, “TOM” e “ATO”, uma sobre a outra, em vermelho, amarelo e laranja; o branco é vazado nas áreas de cor. A concepção remete à Del Monte Foods, multinacional californiana, e seu slogan “Os tomates mais suculentos de todos”. O longo texto manuscrito é uma carta de Samuel A. Eisenstein, professor de inglês e escrita criativa no Los Angeles City College:

Se nos é apresentado um cartaz que declara que os tomates Del Monte são os mais suculentos, não é profanação acrescentar: “Maria Mãe é o tomate mais suculento de todos”. Talvez seja isso que se queira dizer quando a gíria diz: “Ela é um pêssego” ou “Que tomate!” [...] Não somos enganados. Nós ansiamos pelo totalmente embalado, o círculo que é tão suculento e perfeito [...]. Ansiamos pela [...] mesa sobrecarregada de coisas boas [...]. Desejamos o coração que transborda pela aceitação do generoso, do real e não do sintético, da braçada de flores que continua o peito, dos dedos que fazem uma bênção perfeita. Não há irreligiosidade na alegria [...].¹¹

O trecho que contém a frase “Mary Mother is the juiciest tomato of them all”, Maria como o tomate mais suculento, está posicionado sobre a barra da letra A de *tomato*. É um retrato notável e inesquecível, a partir da linguagem visual do capitalismo, sem a imagem da fruta. Em seu lugar, ou da efígie, a enorme palavra “tomate”, signo instrumentalizado como enunciado e sacralizado.

Após o afastamento da comunidade, vivendo na costa leste, o trabalho de Corita Kent (nome que decide manter) aumenta em comunicabilidade, com maior apoio em texto e imagens mais diretas, frequentemente retiradas da imprensa. É um período de consolidação institucional. Em 1971, realiza trabalho comissionado que viraria atração turística, a pintura mural *Rainbow Swash*, que recobre um grande tanque da Boston Gas Company, naquele ano a maior superfície pictórica do mundo com direitos autorais. Em 1983, produziu painéis *outdoor* para a organização Physicians for Social Responsibility,¹² com o título *We can create life without war* (“podemos criar vida sem guerra”). No mesmo ano, o serviço postal a procurou para a criação de um selo; a versão proposta de *Love* não foi aceita de imediato, sendo aprovada apenas quatro anos depois, com cerca de 700 milhões de exemplares; pode ser considerada uma de suas últimas obras.

Aos 56 anos, em 1974, recebeu o primeiro diagnóstico de câncer, de ovário, e em 1986, de fígado. Faleceu aos 67 anos, em 18 de setembro de 1986.

Muitas exposições retrospectivas lembraram o talento de Kent. Entretanto, é possível suspeitarmos de certa subapreciação da produção californiana, o que a

¹¹ Carta de Eisenstein para Corita, escrita após participar e se comover com uma festa do Mary's Day. Ver também, e especialmente, KENT; GALM, 1977, p.109-111.

¹² A organização Physicians for Social Responsibility (Médicos pela Responsabilidade Social), foi fundada em 1961, em Boston, para lutar contra a proliferação nuclear. Hoje atua também a favor de causas climáticas e ambientais.

localizaria como fenômeno regional, muito mais do que a reconhecer como uma das pioneiras da arte *pop* internacional. Entretanto, duas grandes propostas expositivas, entre outras, reconheceram, com competência e desenvoltura, que a partir da segunda metade do século XX, Los Angeles e região reuniam pujança, relevância e vigor criativo extraordinários. Mas o reconhecimento de Kent seguiu titubeante. No Centre Pompidou, *Los Angeles 1955-1985: naissance d'une capitale artistique*, 2006, “primeiro evento desta magnitude dedicado à arte em Los Angeles”, foi soberba, com uma quantidade notável de obras e documentos que embasbacavam o público menos informado com produções que estavam a décadas à frente de seus olhos. Porém, segundo o catálogo, uma única serigrafia de Corita teria estado em exposição, *Who come out of the water*, 1966 (p. 148; 371); ao lado da reprodução do trabalho, uma foto mostra Corita, de costas.

Kent teve ainda menos sorte no catálogo geral de *Pacific Standard Time: Los Angeles Art, 1945-1980*, do Getty Research Institute e J. Paul Getty Museum. O registro acompanhou a exposição *Pacific Standard Time: Crosscurrents in LA Painting and Sculpture, 1950-1970*, em Los Angeles e Berlim, entre 2011 e 2012. Há apenas uma menção casual a Kent, em comentário sobre mostra de Marshall Berman na Exodus Gallery: “junto com o trabalho da gravadora, educadora e pacifista irmã Corita Kent” (p. 96). Em mostras posteriores associadas a iniciativas angelenas ou nacionais, ela receberia plena atenção, estimulando a recepção internacional. Atualmente, com a crescente divulgação em rede, além de lançamento de um qualificado documentário cinematográfico em *streaming*, sua memória pode estar sendo acolhida por campos afins, como percebido na pequenina mostra *Pioneras del Diseño*, 2021, no mercado de La Ribera, em Bilbao, Espanha. Integrando proposta de alunos da Escuela de Arte y Superior de Diseño de Euskadi, País Basco, era constituída por 20 cartazes didáticos apresentando pioneiras do *design*, um deles sobre Kent.¹³

Percebendo a contradição entre fama e desconhecimento – e aqui faço um relato pessoal –, em 2011 incluí Kent em um exercício para alunos de História da Arte, juntamente com outros atores, instituições ou situações que tivessem escassa ou nenhuma bibliografia em português (exercitando a tradução instrumental). Nenhum aluno a conhecia, e o grupo que se ocupou da tarefa pesquisou e apresentou à classe um belíssimo e entusiasmado trabalho. Para eles era o novo, mas não deveria ser. Kent não figurava em livros canônicos sobre a arte *pop* e nas principais publicações acadêmicas sobre artistas mulheres. Talvez não seja injusto pensar que seu programa religioso possa ter ensejado preconceito crítico ou uma barreira de apreciação. Freiras não parecem ter sido contempladas profundamente pela cultura, salvo casos notáveis, como a alemã Hildegarda de Bingen (1098-1179) e a mexicana Juana Inés de la Cruz (1651-1695), escritoras.

¹³ Tratava-se de eleição por estudantes, o que ajuda a pressupor ou desculpar inclusões e ausências. Outros nomes poderiam ter sido lembrados. Por exemplo, atuando na mesma região e quase no mesmo período, Sheila Levrant de Bretteville talvez não merecesse ser esquecida. Sobre a mostra em Bilbao, ver <https://www.idarte.eus/es/bbdw21-exposicion-pioneras-del-diseno/> e <https://ainhoasarda.wixsite.com/my-site>.

No entanto, com tantas exposições e textos e imagens em profusão na internet, parece justo investigar o paradoxo de haver no círculo da arte simultaneamente muita gente aplaudindo e muita gente ainda desconhecadora da rica biografia de Corita Kent.

Referências

ANDRÉANI, Vanina. *Corita Kent: Ordres et Contre-culture. Switch (on Paper)*, Nice, 13 Dec 2018. Disponível em: <https://www.switchonpaper.com/portrait/artiste/corita-kentordres-et-contre-culture/>. Acesso em: 24 nov. 2021.

AULT, Julie. *Come alive! The spirited art of Sister Corita*. London: Four Corner's Books, 2006.

CORITA, Sister. *Footnotes and headlines: a play-pray book*. New York: Herder and Herder, 1967.

DACKERMAN, Susan (ed.). *Corita Kent and the language of pop*. Cambridge: Harvard Art Museums, 2015.

GRENIER, Catherine (ed.). *Los Angeles (1955-1985): birth of an art capital*. Paris: Centre Pompidou; Éditions du Panama, 2006.

KENT, Corita; GALM, Bernard. *Corita Kent: Interviewed by Bernard Galm*. Series Los Angeles Art Community: Gropi Portrait. Los Angeles: University of California, 1977. Manuscrito. Disponível em: <https://archive.org/details/coritakentoralhi00cori/page/n5/mode/2up?view=theater>. Acesso em: 24 nov. 2021.

KENT, Corita; STEWARD, Jan. *Learning by heart: teachings to free the creative spirit*. 2. ed. New York: Allworth Press, 2008. 1. ed.: 1992.

KENT, Sister Mary Corita; COX, Harvey; EISENSTEIN, Samuel A. *Sister Corita*. Philadelphia: Pilgrim Press [United Church Press], [1968].

LOSTE, Barbara Marianne. *Life stories of artist Corita Kent (1918-1986): her spirit, her art, the woman within*. 2000. (Doutorado em Filosofia) – School of Education, Gonzaga University, Spokane, WA, 2000. 219 p. Arquivo PDF (Comunicação Bibliográfica).

Como citar:

SILVEIRA, Paulo. Irmã Corita, arte, ativismo e fé como instrumentos. *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p. 1004-1014, 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.41.081>
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>